



A MARMITA DOS AFETOS: HISTÓRIA, CULTURA E SENSIBILIDADES

Robson Victor da Silva Araújoⁱ

Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

O trabalho propõe uma análise da obra Marcovaldo ou As estações na cidade do escritor Ítalo Calvino, estabelecendo a relação possível entre história e literatura. O livro narra a história de um operário pobre da cidade industrial que procura alívio para sua realidade inóspita criando fantasias românticas e utópicas sobre a realidade, a cidade e a natureza. Nos interessa refletir sobre a relação necessária entre afetos e cultura, entendendo as sensibilidades como condição inevitável da humanidade. Nosso interesse, tendo como mote o texto de Calvino, A marmita, será o de efetuar a análise rigorosa do sentido ambivalente das contradições objetivas presentes nas angústias do homem do século XX.

Palavras-chave: Ítalo Calvino; literatura italiana; utopia.

ABSTRACT

The paper proposes an analysis of the work Marcovaldo or The stations in the city of the writer Ítalo Calvino, establishing the possible relation between history and literature. The book tells the story of a poor industrial city worker who seeks relief from his inhospitable reality by creating romantic and utopian fantasies about reality, the city, and nature. We are interested in reflecting on the necessary relationship between affections and culture, understanding sensibilities as an inevitable condition of humanity. Our interest in Calvino's text, The Kettle, will be to carry out the rigorous analysis of the ambivalent sense of objective contradictions present in the anguish of twentieth-century man.

Keywords: Italo Calvino; Italian literature; utopia.

“... e todo dia era a mesma desilusão.”

Operário inóspito, vida inóspita

Como a vida começou a ter essa dimensão trágica das labutas familiares, afetivas, emocionais e sociais? Tantas são as tarefas diárias, os compromissos, os trabalhos a serem realizadas que muitas vezes não conseguimos dar conta daquelas atividades mais simples de serem executadas. A partir dessa frase que consiste numa fala, emoção, sentimento de um personagem da literatura temos o ponto inicial para pensar como se deu a construção do sentido da vida contemporânea como algo insólito, cheio de linhas, caminhos, percalços, planos, e dimensões trágicos e tortuosos do homem contemporâneo. A frase está num conto chamado *A marmita*, do escritor italiano Ítalo Calvino.

Marcovaldo, operário pobre, cansado e escravo de todas as agressões da vida, através do seu almoço diário preparado pela mulher numa marmita que contém as sobras da janta da noite anterior, dialoga consigo sobre sua situação cotidiana. Assim, ao ver-se, expressar-se, narrar-se, julgar-se e dominar-se, constitui-se como sujeito. Observemos sua situação diante da hora de folga do almoço de frente a sua marmita:

O carregador Marcovaldo, desatarraxada a marmita e rapidamente aspirado o perfume, pega os talheres que traz sempre no bolso, embrulhados, desde quando almoça de marmita em vez de voltar para casa. Os primeiros golpes do garfo servem para despertar um pouco aquelas comidas entorpecidas, dar a relevância e a atração de

um prato recém-servido na mesa àqueles alimentos que ficaram ali amontoados tantas horas. Então se começa a ver que a comida é pouca, e se pensa: “É melhor comer devagar”, mas já foram levadas à boca, velozes e famélicas, as primeiras garfadas. O primeiro gosto é o da tristeza da comida fria, mas logo recomeçam os prazeres, reencontrando-se os sabores da mesa familiar, transportados para um cenário insólito. Agora, Marcovaldo começou a mastigar lentamente: está sentado no banco de uma alameda, perto do lugar onde trabalha; como sua casa fica longe e, para ir até lá ao meio-dia, perde tempo e furos nos bilhetes do bonde, ele carrega o almoço na marmita, comprada de propósito, e come ao ar livre, observando quem passa, e depois bebe água numa fonte. Se é outono e faz sol, escolhe os lugares onde chegam alguns raios; as folhas vermelhas e brilhantes que caem das árvores servem de guardanapo; as cascas do salame vão para os cachorros vagabundos que não demoram a se tornar amigos dele; e das migalhas de pão se encarregam os pássaros, numa hora em que a alameda estiver deserta. Enquanto come, pensa: “Por que me dá prazer reencontrar aqui o sabor da comida de minha mulher, mas em casa, entre brigas, choros, dívidas que surgem a cada conversa, não consigo apreciá-la?”. E depois pensa: “Agora me lembro, isso é o que sobrou da janta de ontem”.

197

A partir da imagem acima elaborada percebemos que o nosso herói é um homem comum, que todos os dias toma o bonde para o trabalho; um operário pobre, que sua a camisa em uma grande empresa. Marcovaldo experimenta uma realidade muito distante da aprazível. Casado com uma mulher que muitas vezes não suporta, é pai de quatro filhos com quem passa apenas poucas horas do dia. Mora com sua família numerosa em um minúsculo e inóspito cômodo na periferia da cidade, onde divide o quarto com Domitila e as quatro crianças. Ex-soldado, reumático e cheio de

dívidas, vive com o constante medo de ser despejado, pois nunca consegue pagar o aluguel, em permanente tensão diante da possibilidade de ser despedido, pois está sempre desatendo aos assuntos do trabalho.

Essa descrição poderia estampar qualquer noticiário jornalístico que tratasse da condição do trabalhador citadino pobre na atualidade. Porém essa narrativa foi publicada na obra, *Marcovaldo ou as Estações na cidade*, 1968, do escritor italiano Ítalo Calvino. Diante de uma realidade difícil, Marcovaldo procura refúgio e alívio dedicando-se ao livre voo da imaginação, juntando os restos da pouca e falsa natureza que ele encontra no cotidiano a sua volta. Mas quem é este homem simples, proletário, habitante da cidade que extremamente desgastado pelas poucas possibilidades que encontra na vida moderna, tem um olhar singular sobre os acontecimentos sobre a cidade. E que é descrito como no exposto a seguir:

[Marcovaldo](...) tinha um olho pouco adequado para a cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência. (CALVINO, 2015, p.7).

Misérias de sua existência. Marcovaldo é o exemplo da luta entre homem e sociedade

através de sua subjetividade e da sua constante tensão interior revelada pela presença ainda viva de sua própria consciência individual. Quando esse personagem começou a surgir? Como ele vê o mundo a sua volta? Quais são seus desejos e sonhos? Suas alegrias e tristezas? O grande dilema do homem que habita a cidade moderna é que ele possui a consciência de um mal-estar, mas está impossibilitado de agir para eliminá-lo, o que aprofunda a sua capacidade de enxergar o mundo, e sendo assim não mais consegue perceber saídas, mesmo no mundo imaginário das utopias.

Na obra, é-nos apresentada vinte pequenos contos que narram com a figura do proletário Marcovaldo, como protagonista, sua constante busca por um refúgio em meio à natureza ou o que restou dela, já que os ambientes naturais descobertos pelo operário ao longo da obra sofreram intervenções e cercamentos impostos pelos novos imperativos urbanísticos e humanos, sobrevivendo da falsa ideia de progresso do século XIX. Ambientados em um espaço não nomeado, mas fundamentalmente urbano, os vinte pequenos enredos podem ser lidos separadamente, mas estabelecem entre si outra vinculação para além do protagonismo de Marcovaldo: todas as narrações são responsáveis por nortear as (des)venturas do trabalhador a partir das estações do ano e de todas as (im)possibilidades despertadas por elas.

Marcovaldo, como qualquer morador da cidade moderna, tenta ir além dos obstáculos da grande cidade industrial, buscando na sua subjetividade alguma coisa que o salve, mas a própria subjetividade o engana e os sonhos se tornam desenganos, aumentando muito mais a dor diante da realidade. Marcovaldo é um habitante da cidade moderna que sofre, pois a urbe é um espaço que não aceita a simplicidade, alguém eternamente descontente que corre em busca de sentidos e só acha (des)ilusões. Nesse sentido, quantas e quantas vezes passamos por momentos insólitos da vida e assim buscamos um sentido para nossas vidas? Questões muito recorrentes para filósofos, antropólogos, psicólogos e porque não os historiadores se debruçarem em tais questões. O que o leva a um fiel embaraço que o faz questionar um mundo profundamente transformado. É esse clima de desilusão que Ítalo Calvino coloca no centro uma discussão que nos propomos aqui. Pensar a figura literária da obra como representante de uma vida insólita, incomum e ordinária.

Deste modo, ao produzirmos uma leitura do conto “A Marmita”, com base nas impressões e sensibilidades do personagem para traçamos uma história das diferentes maneiras como o homem desenvolve um saber acerca de si mesmo. A figura principal destes contos, Marcovaldo, e todos os que aparecem ao longo dos vinte enredos que compõem o livro, opõem-se com os tradicionais personagens da literatura de Calvinoⁱⁱ. Ao invés de cavaleiros inexistentes,

de barões empoleirados, de cidades invisíveis, temos um simples operário, que trabalha numa firma, da qual sabemos apenas sua sigla: SVAB. Nunca ficamos sabendo a que atividade este se dedica. Sabemos apenas que Marcovaldo é aí encarregado de carregar caixas e que pode ser convocado para as mais insólitas tarefas.

História, sujeito e modernidade

Em *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (1996), Marshall Berman esboça uma retomada das diversas construções históricas da Idade Moderna ao longo da História. Modernidade esta que está mais distante das grandes navegações e da mundividência do século XVI, a qual Berman **199** classificou como sendo a 1ª fase da modernidade, e mais próxima da “experiência vital” (BERMAN, 1996, p. 15) que conhecemos e vivenciamos hodiernamente. Para ele,

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que

lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 1996, p. 16).

A essa realidade histórica vivida intensamente no século XIX devido às inquietantes e aceleradas transformações advindas do progresso técnico, científico e intensificado com a ascensão e as técnicas de consolidação do capitalismo, é perceptível: a nova paisagem altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna.

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite (...) (BERMAN, 1996, p. 18). Além desse novo contexto social, do florescimento dos grandes centros urbanos, “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, (...) que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade” (BERMAN, 1996, p.17), em que nada mais é tocante à existência vital, pois “todos se acostumam a tudo” (BERMAN, 1996, p.17) e que a única regra determinada é obrigarse, como dizia Octavio Paz, “meramente a sobreviver” (BERMAN, 1996, p. 34).

Marcovaldo encontra-se no período em que Berman qualifica como terceira e última fase da modernidade, o século XX que, comparado ao

anterior, tem o processo de modernização ainda mais intensificado e ampliado, tornando-se, nas palavras de Berman, “o período mais brilhante e criativo da humanidade” (BERMAN, 1986, p. 22). É estabelecida aqui uma oposição: essa mesma sociedade deu origem a “seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal quase podíamos dizer: sem ser” (BERMAN, 1996, p.27).

Sobre essa ambivalência, não instaurada, mas quase imposta pelas representações da modernização, surge o indivíduo insatisfeito, mutável, descentralizado, ou, como proposto por Stuart Hall (2015), de identidade fragmentada, instável, desunificada. Esse sujeito, para o autor, constitui o indivíduo pós-moderno. Porém, esse movimento de descentralização do sujeito já pode ser experienciado pelo indivíduo do século XIX, que está no centro do turbilhão da modernidade.

De fato, Marcovaldo compõe esse novo quadro do sujeito moderno. Assumindo uma existência instável pela sua condição de classe, não se reconhece em seus semelhantes, não encontra alívio nas turbulências do dia a dia, e nem mesmo nas majestosas vitrines das lojas ou nos letreiros coloridos das ruas. É somente no contato com a natureza, já modificada pela ação humana que Marcovaldo aquieta um pouco todas essas massivas dúvidas do indivíduo fragmentado: prefere o silêncio à multidão, a introspecção à realidade do cotidiano:

Oh, quem me dera acordar uma vez com o chilrear dos passarinhos e não com o estrilo do despertador, os berros do recém-nascido Paolino e as reclamações da minha mulher Domitilla! (...) Oh, quem me dera dormir aqui, sozinho em meio a este verde tão fresco, e não naquele quarto baixo e quente; aqui no silêncio, não entre os rancos e conversas durante o sono de toda a família e correria de bonde na rua; aqui na escuridão natural da noite, não naquela artificial das persianas fechadas, cortadas em listras pelo reflexo dos faróis; oh, quem me dera ver folhas e céu ao abrir dos olhos! (CALVINO, 2015, p. 11).

Análise do conto: uma vida ordinária com a marmita

Ao perpetrarmos uma leitura do conto de Calvino, deparamo-nos com um Marcovaldo, vivenciando situações ora trágicas, ora cômicas realizando algumas reflexões do seu cotidiano. Sua vida inusitada tem como ponto de partida, no conto em questão, seu almoço, refeição desconfortável colonizada pelo tempo e pelo espaço capitalista. Ao colocar-se fora de si para dialogar consigo mesmo, questiona-se sobre seu eu encontrando-se nas dimensões afetiva e existencial. Com o desdobramento do sujeito, na dimensão dos afetos Marcovaldo tem a possibilidade de voltar-se para o seu interior e dele extrair a compreensão do que é. Na lógica social, a do dever, Marcovaldo toma consciência da norma e do estilo da própria vida. Observemos o trecho a seguir:

“Porque me dá prazer reencontrar aqui o sabor da comida da minha mulher, mas em casa, entre brigas, choros, dívidas que surgem a cada conversa, não consigo apreciá-la” ... “Mas não é que Domitilla

consegue estragar até as refeições longe dela?” (Calvino, 1999, p. 42)

Experiências da vida cotidiana. Uma realidade de muitos trabalhadores sujeitos as consequências da Revolução Industrial. Moram distantes do local onde trabalham, Marcovaldo reencontra as brigas, choros e conversas através do sabor amargo da comida de sua mulher. São sobras tantos emocionais quanto migalhas do jantar da noite anterior. Triste porque tem de almoçar os restos, frios e meio rançosos, talvez porque o alumínio da marmita passe um sabor metálico aos alimentos, mas o pensamento que lhe ocupa a cabeça é: “Mas não é que a lembrança de Domitilla consegue estragar até as refeições longe dela.” E quando Marcovaldo teve 201 de jantar por três noites seguidas linguíça e nabo. No dia seguinte, ao meio dia, de novo. Desligado como era, desatarraxou a marmita com a mesma curiosidade e gula de sempre, sem se lembrar do que havia comido na noite anterior, se deparava com a mesma desilusão.

A análise do pensamento de Marcovaldo leva-nos à dimensão afetiva “porque me dá prazer reencontrar aqui o sabor da comida da minha mulher... Agora me lembro, isso é o que sobrou da janta de ontem” e a psicológica – “mas não é que Domitilla consegue estragar até as refeições longe dela”, intrinsecamente ligadas. Torna-se possível, portanto, desvelarmos através das sensibilidades, não só o exame, mas a constituição do personagem como sujeito. Para aceder à verdade é suficiente Marcovaldo ver o

que é evidente: as coisas da vida não têm significação, têm existência, e por serem concretas apresentam-se medíocres.

É em suas andanças pela cidade que Marcovaldo procura alento nas manifestações naturais. Do canto dos pássaros ao encontro da praça, o protagonista exerce uma forma de resistência, de negação escapista de sua realidade e da “miséria de sua existência” (CALVINO, 2015, p.7). Nesse contexto, há pontos de contato e distanciamento de Marcovaldo no que diz respeito à figura do flâneur de Baudelaire, “um observador apaixonado” (BAUDELAIRE, 1996, p. 18). Diferentemente do flâneur do poeta francês, o anti-herói proletário não encontra alívio na multidão, não se sente confortável em meio à balbúrdia dos passantes, reitera-se, e assume, portanto, um caráter “imbecil e desprezível” (BENJAMIN, 1986, p. 35),

Esta atmosfera de tensão revelada pela narrativa da vida de Marcovaldo aproxima Calvino de Walter Benjamin que num texto que não por acaso intitulasse “Experiência e pobreza” nos dá a chave para o aprofundamento da relação apresentada pelo escritor italiano e é com o texto que se segue que podemos ampliar as descobertas da vida e da ilusão na grande cidade: “Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia-a-dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia por falta de forças” (BENJAMIN, 1994, p.118).

Mas, como todas as histórias do livro se desenvolvem de forma ao mesmo tempo trágica e cômica, ocorrem inúmeros acontecimentos que fazem com que Marcovaldo saia de sua imaginação e volte duramente para a realidade de sua vida. No final, depois de tantas tentativas de permanecer no seu estado imaginativo, “aos olhos de Marcovaldo se reapresenta o pátio de sempre, os muros cinzentos, as caixas do armazém, as coisas de todos os dias, ásperas e hostis” (idem, p. 27)

As práticas econômicas do capitalismo além de trazer benefícios para a humanidade produziu seus refugos, gerou consequências que rompem barreiras éticas e morais construídas pelo homem. Neste sentido cabe questionar “será 202 que esse progresso baseado no domínio da energia pode ser considerado benéfico no sentido de trazer maior felicidade a espécie humana? Será que este processo acarretou em real aumento de inteligência ou da capacidade de compreensão humana?”

Além deste mal-estar gerado pela modernidade que impõe diversas identidades ao sujeito, gerando o desamparo, angustias e solidões dos sentidos e sentimentos a supressão dos sonhos. Como o encarar a vida encontra a supervalorização de coisas inócuas, e buscas compensatórias um sentido para pensar a si mesmo por meio das frustrações diárias. Neste sentido as desilusões individualizam o sujeito, se transformando num mal-estar a que Marcovaldo é submetido ofuscando deste a consciência

social, o sentido de coletividade, do todo, que pode ser a solução de combate a este paradigma do mundo racionalista, técnico e utilitarista.

Inserido na sociedade industrial este flana pela cidade, que não diz como ser lida, embora direcione seu olhar para manutenção de um arcabouço alienante. O personagem Marcovaldo diante da crise do eu na modernidade, indaga para uma natureza perdida, um mundo ilusório. Não se adaptando a linguagem da sociedade industrial, do qual se vê desprovido do poder de consumo, a margem dos padrões requisitados pela ordem vigente.

Por suas andanças pela cidade, Marcovaldo pode ser considerado então como um tipo de flâneur que resiste à modernidade e ao ritmo acelerado da cidade. No entanto, se o flâneur de Baudelaire se sente em casa nas ruas, embora seja solitário, Marcovaldo flana pela cidade sem se sentir em casa, pois está sempre sem ou fora de lugar, uma vez que não consegue entrar no ritmo da modernidade acelerada.

Marcovaldo é um símbolo cômico do desencanto frente a essa cidade industrial, onde toda a experiência se torna problemática. Por isso, o tom melancólico que perpassa todo o livro. Essa melancolia expressa pela personagem é o reconhecimento da absoluta impossibilidade de realização do homem tanto na natureza romantizada quanto na cidade capitalista predatória.

Nas situações vividas por Marcovaldo todo o idílio com a natureza é frustrado porque a

própria natureza não oferece o refúgio sonhado pelo operário que busca como fuga para suas jaulas cotidianas, como a fábrica, seu trabalho, sua vida doméstica, a marmita fria que traz os restos do jantar que tem que engolir todos os dias, ou a ida à montanha fora da cidade em busca de ar puro resulta do encontro com um grupo de tuberculosos, vítimas da poluição fabril, resulta que montanha e aquele próprio ar que ele sonhara puro tinham dono, era propriedade privada do sanatório municipal, correspondem a (des)venturas do trabalhador frente as possibilidades de uma vida feliz, satisfeita e realizada.

A fuga do filho de Marcovaldo, Michelino, seguindo o rebanho de vacas até as montanhas, faz Marcovaldo o imaginar lá em cima preguiçoso e feliz, entre o leite e o mel e as amoras nas sebes. Mas quando este volta, diz não ter tido nem tempo de ver a montanha, pois fora submetido a uma intensa jornada de trabalho, trabalho mal remunerado e sem contrato, dias correndo atrás de leite, da palha dos animais e do estrume, enchendo, esvaziando e rolando latões até os caminhos que os transportavam para a cidade. 203

No mundo da mercadoria e do trabalho intensivo, não há tempo para uma relação de contemplação ou de fruição com a natureza: é um mundo sem paisagem ou de paisagens úteis e artificiais. A natureza e a cidade, nesses tempos de emoções feéricas, não são apenas aí uma realidade, um referente que é rerepresentado,

copiado na linguagem, mas é apresentado de uma maneira particular, é construído, elaborado a partir de um dado ponto de vista: cidade e natureza aparecem aí, reconfigurados, ressignificados, repensados, recriados.

Considerações finais

Marcovaldo é alguém que busca alternativas à sua vida miserável através de uma atitude subjetiva e individual que jamais transforma a realidade concreta. A pobreza de sua experiência está na relação falsificada com a história e em uma inconsciência de si e do mundo. Ele sonha com uma realidade romantizada, bucólica, onde ele ilusoriamente acredita que poderia se realizar por inteiro. A pouca realidade que ele encontra na cidade cumpre momentaneamente esta sensação de satisfação. Marcovaldo sonha e cria a utopia da cidade sem males, mas esse sonho rapidamente se desmancha e a cidade volta a mostrar a face da complexidade.

O que é peculiar no conto, portanto, é a forma como Marcovaldo cria essas fantasias. A vida de Marcovaldo é em grande parte vivida como um lugar afetivo utópico, na medida em que a personagem cria fantasias bucólico-românticas na relação com o meio urbano e a sua maneira de olhar para o mundo. Os modos de ver e agir da personagem variam conforme a relação estabelecida com sua esperança e imaginação. As situações afetivas ganham significados na

promessa fantástica de Marcovaldo, mas que no final se revelam sempre em (des)ilusões.

O eu, ou melhor, o self passa a viver experiências fragmentadas, turbulentas e descontínuas, típicas das culturas abertas. A perda da unidade do espírito objetivo convive com o desenvolvimento da escassez do espírito subjetivo que sai de sua profundidade para realizar-se na consciência. Somente na modernidade é que o conflito entre indivíduo e sociedade aparece absolutamente internalizado individualmente. É o conflito entre o ser social e as decisões que levam a si próprio à auto-realização.

Se o livro coloca as questões da vida moderna através de uma vida imaginada, invisível, isso não quer dizer que ela seja irreal, principalmente quando mostra a impossibilidade desse imaginário se anunciar como saída. A concretude da vida imaginária (capacidade de sonhar) está em ela conter os problemas reais e não permitir a vitória da vida imaginada. Por isso, nessa vida coexistem elementos da realidade concreta, e elementos fantásticos: "no século XX, é um uso intelectual e já não emocional do fantástico que se impõe: como jogo, ironia, piscadelas, e também como meditação sobre os pesadelos ou os desejos ocultos do homem contemporâneo" (CALVINO, 2009, p.257). 204

A imaginação para Calvino é ao mesmo tempo um elogio e exige um cuidado para não cair em ilusão, exatamente porque ela é a

consciência crítica do homem envolvido pela modernidade. Calvino pensa a imaginação como algo positivo. Seus livros trazem isso como marca, pois no fundo Calvino sabe que a imaginação é a única possibilidade, mas não é qualquer imaginação, é aquela que abre para a possibilidade de transformação política, que faz o homem refletir sobre sua situação no mundo, que torna consciente a responsabilidade de agir sobre esse próprio mundo.

Assim, o livro apresenta Marcovaldo como alguém que questiona a vida e, em sentido lato, como alguém que questiona a modernidade. Questionar a modernidade significa questionar também a construção e a busca de um sentido para o mundo onde a noção de realidade única e totalizante baseada no racionalismo e positivismo precisa ser dissolvida. Se o enredo abre a discussão através da fantasia, ao final não deixa espaço para ilusões.

No momento em que no século XXI a busca desesperada por sentidos e realidades plausíveis se torna a ordem vigente, questionar, interpretar, compreender a relação entre cultura, homem e afetos é importante e necessária: “Para o bem ou para o mal, a civilização moderna não é possível sem as alegrias e sonhos. E as realizações não só como cenário, mas condição inevitável da civilização”. Criar esperanças fáceis imaginando um retorno a um passado idílico, que provavelmente nunca existiu, termina sempre em desilusões, e, no limite,

revela a incompreensão da realidade de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 205

BERMAN, M . **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRITTO, R. A. **As representações urbanas em Marcovaldo ou As estações na cidade**. Revista Científica Semioses, v. 1, p. 1-9, 2006.

CALVINO, I. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Pierobon, C. **Cidade, natureza e ilusão: Ítalo Calvino e a épica moderna nas desventuras de Marcovaldo ou As estações na cidade**. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, Número Especial 03, pp.96-111, 2012.

FERRAZ, B. F. **As Estações de Marcovaldo: a relação entre cidade natureza a partir da obra**

Marcovaldo ou as estações na cidade, de Ítalo
Calvino. Cadernos Benjaminianos, Belo
Horizonte, v.3, n.3, p 34-42, janeiro/junho de
2011.

GALEFFI, E. M. **Ítalo Calvino e o simbolismo
de As Cidades Invisíveis.** Ágere: Revista de
Educação e Cultura, Salvador, v.2, p.61-69,
jul./dez. 2000.

Silva, Gustavo C. S. **Imaginação, linguagem e
consumo.** Comunicação, mídia e consumo. São
Paulo. vol. 4 n. 10 p. 55-69 jul. 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-
modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MARINO. M. C. **Escapismo social e
desconforto modernizatório:** uma análise da
personagem Marcovaldo em Férias num banco
de praça e Ar puro Social. Muitas Vozes, Ponta
Grossa, v. 5, n.2, p. 267-277, 2016.

MARTINS, M. A. M.; SOARES. M. L. A. S. **A
escrita e a imagem:** a leitura do eu em si
mesmo. In: [http://alb.org.br/arquivo-
morto/edicoes anteriores/anais16/sem14pdf/sm14ss0
3_03.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem14pdf/sm14ss03_03.pdf) Acesso em 07/05/2017.

PESAVENTO, S. J. **História & literatura:** uma
velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos
Nuevos, Debates, 2006, [En línea], Puesto en
línea el 28 enero 2006. URL:
<http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em:
23/03/2011.

VIANNA, L. M. O. **Ítalo Calvino e o Riso
como Saber.** 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado
em Poética) Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de
Janeiro, 2007.

NOTAS

ⁱ Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2008). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (CAPES 3) onde desenvolveu pesquisa acerca da cultura na obra de Ariano Suassuna. Professor na rede Estadual na Paraíba desde 2013. Tem experiência na área de História, com ênfase nos seguintes temas: Cultura Popular, Representação, História e Literatura, História Cultural, recepção Medieval, Ariano Suassuna, Modernidade líquida e Hipermodernidade.

ⁱⁱ Para isso conferir as demais obras de Ítalo Calvino: O Cavaleiro Inexistente, As Cidades Invisíveis, O Visconde Partido ao Meio, O Barão nas Árvores, Se um Viajante numa noite de inverno.

Recebido em: 31/12/2017.

Aprovado em: 30/03/2018.

Publicado em: 31/08/2018.